

2.

Agosto de 2010 - Rio de Janeiro - Estação Leopoldina - Back2Black Festival

Show de Arnaldo Antunes, Toumani Diabatè e Jam da Silva. Arnaldo, artista paulista que transita com legitimidade pela literatura e pela música. Sua performance, seu corpo em cena, produz presença e sentido junto às suas palavras, sejam faladas ou cantadas. Jam da Silva, artista pernambucano, percussionista, compositor, que, com inquietação, faz também do seu corpo o lugar de produção e expressão de sua música. Toumani Diabatè nasceu em Bamako, seu instrumento é a korá, instrumento de 21 cordas, tradicional da África Ocidental. É um encontro inusitado, as letras de Arnaldo são fundamentais no seu trabalho, penso que para Toumani, que não fala português, muito daquele sentido escorre, é impalpável, mas de alguma forma perceptível na reação do público, que de pé, assiste e participa do evento lotado. Por outro lado, o encontro entre Jam e Toumani resulta numa mistura na qual tradições e presentes naturalmente se estranham e se entendem. A música de Toumani, descendente de uma família tradicional de griots do Mali, seria melhor percebida num outro espaço, mais íntimo, mas ainda assim, seus solos e acompanhamentos pelas muitas cordas da korá impressionam o suficiente para que a platéia sustente uma espécie de atenção menos ruidosa.

Entrei em contato com ele, disse que estava escrevendo sobre os griots, e perguntei se poderíamos conversar um pouco. Recebi um recado no qual ele dizia estar sem tempo, e, se eu quisesse saber dos griots, ele me receberia, com todo o prazer, no Mali. Não era possível, para Toumani, falar sobre os griots sem que eu tivesse contato com eles e com sua cultura.

Acho que posso entender o que ele propôs, entendo sua negação, e sua desautorização. Penso entender, com uma certa desconfiança à minha compreensão. Percebo neste gesto, tão inicial, já alguma coisa que me escapa, alguma coisa que pertence a isto que é totalmente outro, inapreensível. Toumani é um griot, para mim, conversar com ele, mesmo aqui no Brasil, já seria um contato importante, ainda que longe de seu lugar de origem. Para ele, este encontro não faz sentido, a distância é determinante, se entendi bem, o contexto determina a compreensão, mais que compreensão, o entendimento. O sentido se dá na presença, e embora ele represente uma cultura que fortemente acredite na

palavra falada, ela não o legitima a me mostrar, de alguma forma, através desta mesma palavra, seu mundo. É uma contradição interessante, que talvez não possa ser generalizada, sei de experiências diferentes com outros griots, mas ainda assim, aponta limites para a palavra e para a presença, ou antes, para percepções radicalmente diferentes. Trocamos alguns emails e foi realmente difícil um entendimento, apesar dele parecer sempre solícito em me receber no Mali. Esta dificuldade, contando com as possíveis idiossincrasias, me fez ter uma relação concreta com as diferenças. É difícil reconhecê-las e, na prática, realmente difícil lidar com elas. Há um lugar da diferença em que, verdadeiramente, a comunicação falha, a compreensão falha. É contando com estas falhas, também nestas falhas, que se dá a possibilidade do encontro, não do reconhecimento, mas do encontro entre estranhos, e de um verdadeiro diálogo. Toumani me propôs uma impossibilidade, não de ir ao Mali, mas a impossibilidade de narrar à distância.

Como amante da escrita, faço da impossibilidade proposta por Toumani, o gesto deste texto, desautorizadamente. É ele, então, uma narrativa a partir de narrativas, e com elas, com o completamente outro, o outro impossível, inapreensível, um encontro entre diferenças. A partir de um lugar estrangeiro, e de alguma forma clandestino, que no estranhamento, possibilita um novo encontro com este outro que sou eu, na volta.